

NOTICIÁRIO

SÃO PAULO E O BRASIL QUE SE CONSTRÓI (1).

O ilustre catedrático da Universidade de Coimbra agradeceu, de entrada, as referências elogiosas que lhe haviam sido dirigidas, em especial as do Companheiro dr. José Graça, e manifestou a sua viva satisfação por se encontrar no seio de um Clube rotário, onde se prestava culto sincero e desinteressado aos ideais de justiça, de solidariedade, de paz e de tolerância — ideais que coincidiam perfeitamente com aquêles que o animavam e sempre defendera. Sentia-se, por isso, ali muito à vontade.

Evocou depois, em termos de profunda saudade, a memória do dr. Manuel Monteiro, fundador prestigioso do nosso Clube, investigador e cidadão de nobre estirpe intelectual, por quem tinha a maior consideração. Não esquecia que êle o havia convidado um dia para vir ao Clube de Braga, pelo qual demonstrava tanto interêsse, proferir uma palestra e agora, naquele momento, não podia deixar de recordar com mágoa êsse seu tão amável convite. O seu desaparecimento ferira-o no coração.

Entrando, em seguida, pròpriamente no assunto da sua palestra, afirmou que escolhera São Paulo e a sua imensa vastidão porque ali tinha estado ainda não há muito, pela influência que essa prodigiosa cidade exercia em todo o Brasil — era como a locomotiva que arrastava os vagões dos restantes Estados no caminho do progresso — e também pela flagrante oportunidade do tema, perante as comemorações festivas, verdadeiramente faustosas, do 4.º centenário da sua fundação.

São Paulo, com um espantoso desenvolvimento, que dia a dia renova e modifica a sua fisionomia urbanística, obedecia ao velho preceito latino: *Non ducor, duco*, que é como quem diz: sigo o meu caminho, ninguém me conduz, ninguém me guia.

Esta divisa traduz espírito de iniciativa, de independência, de expansão, de conquista, de autonomia — e, efetivamente, ela simboliza a história de São Paulo e a característica da sua índole. Os homens triunfam por si, pelas suas qualidades e virtudes, não por ascenderem a lugares de nomeação ou de favoritismo, como sucede em tantas partes.

Falou depois das origens de São Paulo, cuja fundação se atribui ao padre jesuíta Manuel da Nóbrega, considerando, porém, discutível essa tese. São Paulo tinha que ser fundada; era inevitável, pela imposição das circunstâncias, desde que os portugueses se queriam estabelecer no litoral, em São Vicente e Santos.

Tratava-se da defesa da costa, guarda avançada contra as incursões e ataques dos índios e celeiros de abastecimentos.

A ação do padre Manuel da Nóbrega significou antes o aldeamento em tórno da igreja, como se fazia na Idade Média, em que os aglomerados surgiam e se expandiam à sombra da capela, mas

(1). — Breve resumo da magistral palestra proferida pelo Professor Doutor Joaquim de Carvalho na reunião de 27 de maio do Rotary Clube de Braga. (*Boletim do Rotary Clube de Braga*. Ano VII, n.º 191, 9 de junho de 1954.)

o fato importante e decisivo consistia na miscegenação, na mistura de raças, iniciada, a bem dizer, no planalto paulista por João Ramalho. Dela nasceria o mameluco, isto é: o caboclo, que é o tipo brasileiro.

Gerou-se na insularidade, a 60 quilômetros da costa, em terra que não dá mimos, que não produz o necessário ao alimento humano. Daí a esperteza do índio, a força do branco e a independência e necessidade da expansão. Daí o bandeirismo como marcada e irresistível característica da alma paulista.

Esse bandeirismo podia dividir-se em três aspectos: o bandeirismo geográfico, o bandeirismo econômico e o bandeirismo ético-político. Definiu brilhantemente cada um deles, numa síntese eloqüente.

No caso do bandeirismo geográfico, declarou que o bandeirante do século XVII estava para as terras do interior como o nosso navegador do século XVII para as rotas do Oceano desconhecido. Não é sem razão que Júlio de Mesquita Filho aproxima os dois movimentos.

Seja como fôr, a verdade é que há duas fases a encarar: a organização de bandeiras para apresar índios e de bandeiras para descobrir minas de ouro e pedras preciosas.

O bandeirismo de prêsa, determinado pela necessidade de conseguir braços para a mão-de-obra, atacou as missões e instalações dos jesuítas, quer ao sul, no rio da Prata, quer a ocidente, em terras do Paraguai, da Bolívia e do Perú.

Daqui vem a expansão geográfica do Brasil e a fixação das fronteiras muito para além do Tratado de Tordesilhas, com as colônias do Paraguai, da Bolívia, do Perú e da Argentina.

Ao bandeirismo de prêsa — prosseguiu o orador — sucedeu, no século XVIII, o bandeirismo da mineração, quer dizer: da procura fabril do ouro e das pedras preciosas. Foi a época de um novo El-Dorado.

Esse movimento de ambição leva os bandeirantes a Mato Grosso, a Goiás e, sobretudo, às terras que hoje se chamam de Minas Gerais.

Minas Gerais são obra de São Paulo e depois dos aventureiros na primeira metade do século XVIII. Daqui ficou Ouro Preto, designação bem típica desse impulso.

O Professor Doutor Joaquim de Carvalho lembrou que o passado de São Paulo está diretamente ligado às fronteiras do Brasil. Se o Brasil tem as fronteiras atuais, ao sul, a ocidente e para o norte, no interior, deve-o, sem dúvida, a São Paulo.

Este bandeirismo é paulista, isto é: feito por gente nata e criada em São Paulo, mas não fôra contra o sentimento português, conforme o provam o episódio de Amador Bueno, em 1641, que os espanhóis de São Paulo queriam aclamar como rei, e o auxílio prestado à Bahia e a Pernambuco, em 1647, contra os invasores holandeses.

Em virtude deste bandeirismo de prêsa e de conquista, São Paulo cobria uma área de aproximadamente 3 milhões de quilômetros, compreendendo as terras atuais de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Em 1748, D. João V anexou a capitânia de São Paulo à do Rio de Janeiro, que D. José estabeleceu em 1764. Estes fatos mostram

o abatimento em que São Paulo caiu; mas, no século XIX, vai expandir-se noutro bandeirismo com tenacidade e ardor: o bandeirismo econômico.

Neste aspecto, toma proporções gigantescas, como os números que cita o indicam. O seu progresso é contínuo, incessante, fantástico. Para se avaliar a sua capacidade demográfica bastam os seguintes índices estatísticos:

São Paulo tinha, em 1872, 31.385 habitantes; em 1890, 64.934; em 1900, 239.820 e agora a sua população é superior a 2 milhões e meio!

E' a cidade mais populosa do Brasil e isto resulta da emigração, a qual teve por fonte, primeiro, o café, por 1870, depois, o algodão e por fim as indústrias de transformação como as têxteis, de cimento e outras, que fazem desta enorme metrópole a primeira cidade industrial, não só do Brasil, como de toda a América do Sul. Só à sua parte, São Paulo contribui com cêrca de metade para as despesas do Governo Federal.

Foi o café o primeiro produto que enriqueceu São Paulo, consoante se verifica no Bairro de Higienópolis, como foi o algodão e a indústria textil que fizeram a Avenida Paulista, como os nomes dos italianos Matarazzo e do português Pereira Inácio e de alguns sírios claramente testemunham.

Depois o alto comércio e as restantes indústrias completaram o panorama e vieram o Jardim Paulista e o Jardim América, que são duas maravilhas.

Este surto foi devido à imigração, que teve duas conseqüências: impedir a cafrealização e americanizar a vida.

Quanto à cafrealização, foi um notável serviço, que não será jamais suficientemente reconhecido e enaltecido.

Quanto à americanização do teor de vida, ela provocou o igualitarismo social, dando aos homens um papel diverso do que desempenham na civilização ocidental. O valor do homem baseia-se na ação pessoal, na riqueza e no prestígio e condição da profissão.

Em São Paulo não contam nem a ascendência e os pergaminhos familiares, nem o lugar que se ocupa, mas sim o que se conquistou pelo esforço e pelos méritos pessoais.

Isso explica a importância crescente do movimento rotário — pela necessidade social de entendimentos entre os homens representativos das várias atividades econômicas e profissionais.

E' uma terra aberta e generosa, não uma sociedade estabilizada e hierarquizada. Daí a sua mobilidade e sua fluidez, que tanto impressionam os observadores.

Este bandeirismo deu a riqueza, essa riqueza fecunda e generosa, que criou larguíssimas perspectivas de futuro e de domínio.

O terceiro aspecto — o bandeirismo ético-político — emprestou a São Paulo valimento na história da política e da consciência rural do Brasil.

Para o demonstrar, citou os seguintes fatos: o apóio ao grito do Ipiranga, em 1822, que proclamou a independência servida por José Bonifácio de Andrada e Silva.

A independência do Brasil tinha de consumir-se, era inevitável, fatal como o destino, desde que D. João VI transferira para ali a côrte. Alguns entenderam mesmo que o Rio de Janeiro deveria passar a ser a capital do Império e Lisboa e o resto do país re-

duzidos à situação de colônias. A independência deixou assim de ser regional.

A campanha abolicionista, essa gloriosa luta contra a escravidão, em que se destacaram Castro Alves e Ruy Barbosa, entre outros vultos eminentes, teve em São Paulo um baluarte de considerável projeção e predominante influência.

Depois, em 15 de novembro de 1889, nasceu a República, por um ato natural, que o próprio Imperador compreendeu e aceitou, e São Paulo consolidou-a. Tem sido o seu grande elemento, pelo sentido liberal e constitucional da sua natureza ideológica. Foi regida, até ao Presidente Epitácio Pessoa — ou melhor, até ao Presidente Getúlio Vargas — o pêndulo entre Minas Gerais e São Paulo, quer dizer: a estabilidade e a inovação.

O Professor Doutor Joaquim de Carvalho abordou seguidamente o problema do futuro de São Paulo, tanto em relação a Portugal como em relação ao Brasil.

Em relação a Portugal, salientou a sua americanização crescente, filha sobretudo, das suas correntes imigratórias e dos enormes capitais investidos. Vai-se afastando lentamente da vernaculidade da nossa língua. Fala-se como no século VI relativamente ao latim.

Quanto ao Brasil, São Paulo é a garantia de que a independência, a altivez e o caráter não desaparecerão jamais do Brasil. São Paulo representou no agregado nacional, representa e representará o Progresso.

Costuma dizer-se que Deus é brasileiro, mas, comentou o orador, se é conveniente confiar na boa estrela e na Providência, também se deve confiar na alma paulistana.

Enquanto Ruy Barbosa fôr o mentor e existirem o espírito civilista e o respeito pelas liberdades — e o Exército deu provas disso ao derrubar a ditadura de Getúlio Vargas, entregando o Poder ao Supremo Tribunal — podemos confiar inteiramente no Brasil. As suas crises são passageiras.

O insigne catedrático e acadêmico demorou-se no estudo da nossa posição atual perante o Brasil, sob os pontos de vista culturais e económicos, comparando-a com a da Grã-Bretanha em face dos Estados Unidos da América do Norte.

As circunstâncias parecem determinar que sejamos os segundos, mas, mesmo assim, a nossa posição, será sempre inconfundível e insubstituível, pelos fatores essenciais que a alicerçam.

Terminou acentuando o interesse vital que há na aproximação cada vez mais íntima entre os dois países, para benefício de ambas as partes. Devemos fomentar ao máximo a política de amizade luso-brasileira, utilizando tôdas as oportunidades que se nos ofereçam.

*

“LAS ACTAS DE INDEPENDENCIA DE AMÉRICA”.

Para conhecimento dos interessados e a pedido da “Revista Panamericana de Bibliografía” divulgamos o seguinte comunicado da União Panamericana:

“*Las actas de independencia de América*”.

Pela primeira vez publica-se um *in-folio* especial contendo reproduções *fac-similares* das Atas de Independência das 21 Repúbli-